

# O DIVÓRCIO E A CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: EXPLORANDO OS ASPECTOS EMOCIONAIS

DIVORCE AND CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD: EXPLORING THE EMOTIONAL ASPECTS

DIVORCIO E HIJOS EN LA PRIMERA INFANCIA: EXPLORANDO LOS ASPECTOS EMOCIONALES

## Gabriela de Oliveira Gonçalves

- Psicóloga graduada pela Universidade Católica de Santos. Unisantos.
- E-mail: goncalvesg046@gmail.com

## Hariel Cardoso Lopes

- Psicólogo graduado pela Universidade Católica de Santos. Unisantos.
- E-mail: harielclopes@gmail.com

## Raphaela Mouco Fernandes

- Psicóloga graduada pela Universidade Católica de Santos. Unisantos.
- E-mail: raphaela.mouco@gmail.com.

## Thalita Lacerda Nobre

- Doutora em Psicologia clínica. Docente do curso de graduação e mestrado em Psicologia na Universidade Católica de Santos Unisantos.
- E-mail: thalita.nobre@unisantos.br

## RESUMO

No Brasil, a partir da pandemia de COVID-19 registrou-se aumento significativo nos casos de divórcio. Isso leva a conjecturar sobre as repercussões nas crianças. O estudo objetiva compreender os efeitos do divórcio dos pais em crianças na primeira infância, observando mudanças emocionais e sociais a partir de estudos estruturados em Neurociência e Psicologia do desenvolvimento. Utiliza revisão narrativa de literatura fundamentada em autores clássicos como Winnicott, Bowlby e Ainsworth. Obteve-se que o efeito do divórcio nas crianças é sinalizador para melhoria das intervenções psicológicas e obtenção de esclarecimento a respeito deste fenômeno social. Acredita-se que a psicologia possa contribuir positivamente na promoção de saúde mental das crianças que vivenciaram o divórcio dos pais.

**Palavras-chave:** Divórcio; Infância; Família; Saúde mental.

## ABSTRACT

In Brazil, following the COVID-19 pandemic, there was a significant increase in divorce cases. This leads to conjecture about the repercussions on children. The study aims to understand the effects of parental divorce on children in early childhood, observing emotional and social changes based on structured studies in Neuroscience and Developmental Psychology. It uses a narrative review of literature based on classic authors such as Winnicott, Bowlby and Ainsworth. It was found that the effect of divorce on children is a sign for improving psychological interventions and obtaining clarification regarding this social phenomenon. It is believed that psychology can contribute positively to promoting the mental health of children who have experienced their parents' divorce.

**Keywords:** : Divorce; Infancy; Family; Mental health.

## RESUMEN

En Brasil, tras la pandemia de COVID-19, hubo un aumento significativo de los casos de divórcio. Esto lleva a conjeturar sobre las repercusiones en los niños. El estudio tiene como objetivo comprender los efectos del divorcio de los padres en los niños en la primera infancia, observando cambios emocionales y sociales con base en estudios estructurados en Neurociencia y Psicología del Desarrollo. Utiliza una revisión narrativa de la literatura basada en autores clásicos como Winnicott, Bowlby y Ainsworth. Se encontró que el efecto del divorcio en los niños es una señal para mejorar las intervenciones psicológicas y obtener esclarecimiento sobre este fenómeno social. Se cree que la psicología puede contribuir positivamente a promover la salud mental de los niños que han vivido el divorcio de sus padres.

**Palabras clave:** Divorcio; Infancia; Familia; Salud mental.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, o segundo ano da pandemia de COVID-19 registrou um recorde de divórcios em 2021, alcançando mais de 380 mil divórcios, de acordo com os dados da Agência Brasil. Esse aumento expressivo dos divórcios na sociedade brasileira mostra que as famílias precisam se ajustar às mudanças nos arranjos e dinâmicas que ocorrem. Isso coloca um foco especial nas crianças, que são os principais dependentes da estrutura familiar (Silva; Lopes e Rocha, 2021).

O desenvolvimento emocional dessas crianças pode ser significativamente afetado pelo rompimento dos relacionamentos conjugais, especialmente quando envolve filhos na primeira infância. Estudos como feitos, por exemplo, por Cordeiro, dias e de Sá (2022), mostram que crianças que cresceram em lares desfeitos têm maior probabilidade de desenvolver comportamentos opostos, menor autoestima e outras manifestações emocionais negativas, como depressão e ansiedade.

O foco principal desta pesquisa são os efeitos do divórcio na primeira infância e como esses efeitos podem afetar o desenvolvimento emocional da criança. A ideia aqui é que o desenvolvimento da identidade e da autoestima de uma pessoa que vivenciou o divórcio dos pais na primeira infância pode ser impactado pelo tratamento psicológico, que inclui psicoterapia, acompanhamento profissional e acolhedor. O objetivo desse acompanhamento é ajudar a criança a compreender a situação, lidar com a angústia da separação, entender sua constituição familiar e seu papel na nova dinâmica e evitar interferências prejudiciais.

Para atingir esses objetivos, serão examinados os elementos essenciais do desenvolvimento psicossocial nessa fase crucial da vida. Também será examinada a relação entre o padrão de apego criado na primeira infância e seus efeitos emocionais, particularmente após o divórcio dos pais. Além disso, o objetivo é alertar as pessoas sobre os possíveis efeitos prejudiciais dessa experiência e fornecer soluções para minimizá-los.

Este estudo reconhece que a interação entre as características individuais de uma criança e o ambiente social em que está inserida tem um impacto significativo

em seu desenvolvimento (Newcombe, 1999). Portanto, é importante oferecer suporte, compreensão e cuidados adequados à criança quando ocorre uma ruptura familiar, como o divórcio, para reduzir as consequências negativas.

Uma abordagem preventiva e acolhedora é necessária para lidar com a angústia da separação familiar. A psicoterapia infantil é uma ferramenta vital para ajudar as crianças a construir estratégias saudáveis para lidar com medos, inseguranças e conflitos, bem como redefinir seu papel na família e sua identidade.

Este estudo emprega uma revisão narrativa de literatura como método de pesquisa para atingir seus objetivos. Para isso, partiu-se da concepção de autores clássicos da Psicologia do desenvolvimento e Psicanálise para fundamentar a temática pesquisada. De acordo com Rother (2007, p. V, editorial), esse método não informa “as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos”. Nesse sentido, a pesquisa se constitui “...basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor” (Rother, 2007, p. V, editorial).

Tal escolha metodológica se deu porque a pesquisa tem o intuito de apresentar autores clássicos que compreendem a uma interpretação que leva em conta a subjetividade do tema investigado. Desse modo, os autores propõem o levantamento de discussões que ampliam o assunto de modo problematizado com o intuito de transmitir as informações, porém de modo dialogado. Ainda sobre o método da revisão narrativa de literatura, Cavalcante e Oliveira (2020, p. 85) escrevem que “esse tipo de método permite uma ampla descrição sobre o assunto, mas não esgota todas as fontes de informação, visto que sua realização não é feita por busca e análise sistemática dos dados. Sua importância está na rápida atualização dos estudos sobre a temática”.

Assim, a presente pesquisa, utilizando-se desse modo metodológico de investigação não tem o intuito de esgotar as informações, mas permitir a problematização e o diálogo pesquisador-leitor a partir das questões levantadas pelos autores utilizados.

### *O desenvolvimento da criança na primeira infância e os vínculos familiares*

Naturalmente, o desenvolvimento de um indivíduo tem início no momento de sua concepção. A partir de então desencadeia-se um processo que irá se suceder ao longo de toda a sua existência, reorganizando-se constantemente de forma integrada em seus aspectos físicos, psicológicos e sociais (Tavares, 2007). Cada momento traz consigo características que lhe são próprias, com suas demandas e potencialidades.

A primeira infância, por sua vez, adquire um destaque especial, já que é o período em que começam a se consolidar as bases para o desenvolvimento do indivíduo. É durante a primeira infância, que surge a percepção de si mesmo e do outro, onde tem origem as primeiras relações, em que se constroem, portanto, os primeiros laços afetivos. É o momento em que a criança começa a formar o seu repertório a partir das referências que tem à sua disposição, de modo a despertar os primeiros sinais de linguagem, experimentando as formas de comunicação de que dispõe, a fim de notar e ser notada, percebendo as trocas que se dão entre os seus atos e o ambiente em que se encontra.

Existe uma forte relação entre o processo de aquisição da linguagem e aspectos ligados à percepção das emoções e conteúdos afetivos. Ferreira e Damazio (2021) trouxeram evidências indicando que durante a primeira infância o hemisfério direito do cérebro se desenvolve com maior intensidade, ampliando a capacidade de percepção do conteúdo afetivo ligado à comunicação, principalmente na relação com o cuidador primário, com quem a criança estabelece um vínculo afetivo mais forte. Desta forma, as referências e os significados assimilados também irão influenciar a maneira como se desenvolve o sistema límbico.

O sistema límbico desempenha um importante papel na construção da estabilidade emocional da criança, que pode ajudá-la, futuramente, quando se deparar com uma situação problema, como uma matéria nova a ser aprendida. Uma estimulação sensorial positiva nos primeiros anos, como o afeto da mãe, pode fortalecer a longevidade sináptica, refletindo no desenvolvimento cognitivo acelerado,

emoções equilibradas e capacidade de responder de forma positiva a novas experiências. (Ferreira e Damazio, 2021, p. 116)

Estas evidências apontam justamente a correlação entre o desenvolvimento cognitivo e emocional e a importância, na primeira infância, dos vínculos afetivos estabelecidos.

Ocorre um intenso desenvolvimento do córtex cerebral a partir do momento do nascimento que perdura durante toda a primeira infância, tornando possível a exploração e a aprendizagem por parte da criança de aspectos relacionados às funções sensoriais, perceptivas e motoras. De fato, durante os primeiros anos de vida nota-se um processo de formação cerebral e do sistema nervoso como um todo, que servirão como base estrutural para as etapas seguintes (Lent, 2019). Para se ter uma noção da intensidade desse desenvolvimento, a atividade cerebral de uma criança de três anos, analisada de maneira quantitativa em termos de número de sinapses, pode representar quase o dobro da de um adulto (Lent, 2019).

Desta forma, ao levar em consideração os cuidados com relação ao desenvolvimento cognitivo da criança na primeira infância, não podemos deixar de observar também os aspectos emocionais, uma vez que a sua associação com o desenvolvimento cognitivo tem se mostrado cada vez mais evidente.

As Neurociências têm mostrado que os processos cognitivos e emocionais estão profundamente entrelaçados no funcionamento do cérebro e têm tornado evidente que as emoções são importantes para que o comportamento mais adequado à sobrevivência seja selecionado em momentos importantes da vida dos indivíduos (Cosenza e Guerra, 2011, p. 76)

Ao voltar o nosso olhar sobre os fatores que têm influência sobre a experiência da criança e o seu desenvolvimento, especialmente durante a primeira infância, é indiscutível a importância da família, independente da forma em que se apresenta,

e de sua grande relevância, tanto sobre o contexto emocional das relações nas quais a criança está inserida, quanto nos estímulos disponíveis para o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e motoras.

A criança na primeira infância é completamente dependente de alguém que olhe por ela, que cuide de aspectos relacionados à sua alimentação e segurança, que zele pela sua saúde e bem-estar, para que possa não apenas sobreviver, mas também crescer de maneira sadia. Normalmente este cuidado acontece dentro de um ambiente familiar. É nesse meio também onde estabelece os primeiros vínculos afetivos.

A importância da família, não obstante, vai além de um valor instrumental no processo de desenvolvimento humano. Ela também representa um valor intrínseco porque estabelece intensas relações ao combinar intimidade, afetividade mútua, cuidado recíproco, dependência e pertença. Essas qualidades têm valor para as pessoas em seu desenvolvimento e não podem ser encontradas sem contar com uma afiliação familiar (Macana, 2014, p. 15).

Uma família que proporcione um ambiente harmonioso, saudável e que ofereça as condições e os estímulos adequados contribui para o desenvolvimento íntegro da criança. Por outro lado, se o ambiente familiar não suprir as demandas necessárias, ou ainda, de alguma forma, se tornar um meio adverso, poderá gerar impactos significativos no desenvolvimento, desencadeando dificuldades de aprendizagem e adaptação, que podem inclusive refletir em relacionamentos instáveis e baixo rendimento profissional na vida adulta (Macana, 2014).

Por isso, é importante que se tenha em mente o processo do desenvolvimento como um todo integrado, compreendendo que as implicações de hábitos e ações praticadas no presente não são apenas imediatas, mas costumam refletir em fases posteriores, ainda mais se tratando da primeira infância, que se constitui como um momento que abre uma janela de oportunidades, servindo como base para as etapas futuras do desenvolvimento.

## VÍNCULOS E TEORIA DO APEGO

Nos primeiros anos de vida, o estabelecimento de relacionamentos afetivos entre crianças e seus cuidadores é essencial para um desenvolvimento emocional e psicossocial saudável. O modelo de apego delas é afetado por esses vínculos, que são construídos principalmente através da exploração do ambiente e da atenção cuidadosa dos pais. Essa base emocional construída na infância é essencial para a saúde e bem-estar ao longo da vida.

Mary D. Salter Ainsworth, psicóloga do desenvolvimento, foi fortemente influenciada pelo trabalho pioneiro de John Bowlby na teoria do apego. Ela aprofundou e ampliou essa teoria por meio de observações e pesquisas. Bowlby enfatizou que as conexões emocionais com figuras de apego, especialmente os pais, têm um impacto no desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Ainsworth reconheceu a importância do trabalho de Bowlby e se dedicou a estudar mais a fundo as interações diárias entre bebês e seus cuidadores, melhorando assim sua compreensão do apego infantil.

Expandindo a teoria de Bowlby, Ainsworth criou o conceito de “base segura”. A base segura é um lugar que as crianças podem usar para explorar seu ambiente com confiança. Bowlby sustentou que a sensibilidade e a consistência dos cuidadores influenciam o apego inicial. Essas relações de apego que surgem na infância influenciam o estilo de apego que a criança terá ao longo da vida.

Em “Apego e perda”, Bowlby (2019) enfatiza teorias sobre o comportamento de apego dos animais, relacionando-o com a proteção contra predadores. Indica que o comportamento de apego em bebês humanos ajuda a aprender atividades essenciais à sobrevivência. Cassidy (1999) observa que as crianças se apegam a abusadores e figuras de comportamento positivo. Bowlby apresenta sobre os vários tipos de comportamento de apego, como buscar, chorar e interagir, enfatizando que os padrões e as qualidades desses comportamentos mostram a força do apego. Além disso, Bowlby demonstra exemplos de animais que mostram que figuras de medo podem induzir ao comportamento de apego.

Bowlby (2019) distingue dois principais tipos de comportamento de apego: o de assinalamento, que busca trazer a mãe até a criança, e o de abordagem, que visa levar a criança até a mãe. Os sinais sociais, como chorar, sorrir e balbuciar, são usados para aumentar a proximidade com a mãe, dentro do comportamento de assinalamento. Por exemplo, o choro pode ser causado por fome ou dor, cada um com um impacto diferente na mãe. O choro de dor estimula a mãe a atender rapidamente ao bebê, enquanto o choro de fome leva a uma reação mais moderada. Outras ações, como sorrir e balbuciar, têm um impacto positivo na mãe quando o bebê está feliz, não faminto ou doente, estimulando a interação social e, segundo Bowlby, “comportamento de amor materno”. Bowlby enfatiza comportamentos de apego, como choro, sorriso, balbuciação e erguer os braços. Essas ações de assinalamento são essenciais para a proximidade com a mãe.

Um bom relacionamento e bem-estar ao longo da vida dependem de um modelo de apego saudável na infância. A falta de atendimento adequado às necessidades da infância pode levar a modelos de apego prejudiciais e sofrimento psicológico ao longo da vida.

De acordo com Bowlby (2019), existe uma conexão entre os comportamentos de apego, o papel dos pais e o comportamento sexual dos adultos. Os indivíduos podem tratar seu parceiro sexual como se fossem seus pais ou mães, e o parceiro pode agir da mesma forma. Isso indica que, semelhante ao que ocorre em crianças pequenas, o comportamento de apego pode ser facilmente acionado e persiste até a idade adulta.

### ***Modelos internos de funcionamento***

Os modelos internos de funcionamento são representações mentais que surgem das experiências de infância com os cuidadores, que afetam a maneira como as pessoas veem o mundo, a si mesmas e as figuras de apego.

Estes modelos refletem a relação com as figuras de apego e a disponibilidade emocional percebida, o que orienta o comportamento e as interações. Esses modelos são fortemente influenciados pela mentalização, que é a capacidade de compreender e representar estados mentais, e pela cognição social, que é a reflexão sobre as ações

e emoções das pessoas. A estabilidade do apego é observada ao longo do tempo, e eventos perturbadores nos vínculos primários, como perdas ou abandonos, podem afetar o desenvolvimento individual.

Esses modelos podem ser distorcidos em ambientes familiares de abuso, afetando negativamente a função de mentalização e a capacidade de se envolver em relacionamentos de apego significativos. Esses modelos internos têm um impacto significativo ao longo do ciclo de vida, afetando as escolhas de parceiros, as escolhas de amizades, as escolhas de carreira, a paternidade, as expectativas e a imagem de si mesmo, destacando a importância de um ambiente familiar na criação de um apego seguro.

### ***Padrões de apego***

Ainsworth et al. (1978) identificou cinco padrões de apego: seguro, ansioso-ambivalente, evitativo e desorganizado. A criança se sente confortável explorando o ambiente quando o cuidador está presente, confiando no apoio emocional.

A criança no apego ansioso-ambivalente busca constantemente a atenção do cuidador, mas é insegura sobre a resposta dele. A criança com apego evitativo parece ser independente e evita interações emocionais com o cuidador. Devido a experiências desfavoráveis, como abuso ou trauma, a criança demonstra comportamentos contraditórios e confusos no padrão desorganizado.

As relações interpessoais podem ser influenciadas por esses padrões de apego durante toda a vida e muitos fatores, como a personalidade do cuidador e o ambiente familiar, podem afetar isso. O apego seguro é considerado ideal porque permite que as pessoas se sintam seguras e independentes durante toda a vida.

### ***Tipos de apego em adultos***

A Entrevista de Apego do Adulto (AAI), criada por Main, Kaplan e Cassidy (1985), usa perguntas estruturadas sobre suas relações com os pais na infância para

examinar as representações dos modelos internos de apego em adultos. Os padrões de apego que os adultos podem ter incluem seguro ou autônomo, desapegado ou evitativo, preocupado ou ansioso e desorganizado ou desorientado. Adultos seguros tendem a ter confiança em suas relações, enquanto os evitativos demonstram excessiva independência, e os adultos ansiosos ou ambivalentes têm relações frustrantes. As relações de apego criam padrões internalizados de funcionamento e interação e desempenham um papel importante na transmissão de características entre cuidadores e crianças.

## CONCEITO DE DIVÓRCIO E SUAS CAUSAS

Durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de divórcios no Brasil atingiu recorde de 386,8 mil em 2021, mostram as Estatísticas do Registro Civil 2021, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Podemos considerar uma mudança no conceito e na estrutura familiar, o que impacta diretamente o desenvolvimento das crianças envolvidas. De acordo com o boletim da Associação dos notários e registradores do estado do Paraná:

Os números de 2021 de divórcios também apontaram a manutenção da tendência de aumento da proporção de divórcios com a guarda dos filhos menores de idade. Essa parcela, que era de 7,5% em 2014, subiu para 34,5% em 2021. Em 2020, era de 31,3%. Esse aumento vem ocorrendo desde 2014, quando a Lei nº 13.058 passou a priorizar essa modalidade em divórcios entre casais com filhos menores (Anoregpr, 2023).

Segundo da Silva e da Silva (2021), a palavra “divórcio” vem do latim *diverterium* que quer dizer “separação”, o que representa seguir por caminhos distintos, afastar-se. Surgem então, novos desafios e alterações que serão enfrentados de uma

forma única e singular por cada membro que compõe esse sistema familiar. Quando isso acontece, a família precisa se enquadrar em um novo ajustamento social, financeiro e principalmente, emocional. Essa adaptação vai depender da rede de apoio que essa família receberá, tanto de amigos, como familiares e até mesmo de profissionais, como psicólogos e advogados. Com isso, é possível compreender que, existem diversas causas que podem levar à decisão de um casal se divorciar, como mostra um estudo feito por Pasquali & Moura (2003) incluindo, por exemplo:

**1 - Infidelidade ou questões voltadas para a vida sexual do casal:** Quando um dos cônjuges trai o outro.

**2 - Incompatibilidade de personalidade, falta de paciência, afinidade, imaturidade ou incompreensão:** Às vezes, os cônjuges descobrem que têm objetivos de vida, valores ou interesses muito diferentes, o que dificulta a comunicação, a compreensão e prejudica a afinidade do casal.

**3 - Problemas financeiros:** Questões financeiras podem ser uma grande fonte de estresse em um casamento.

Independente do motivo, o divórcio acaba sendo um processo complexo, singular e único, emocionalmente desgastante para todas as partes envolvidas dentro do sistema familiar em questão, principalmente se existir filhos envolvidos neste contexto.

## **IMPACTOS DO DIVÓRCIO NO DESENVOLVIMENTOS EMOCIONAL DA CRIANÇA**

A criança, muitas vezes por estar em fase de desenvolvimento, não tem ainda subsídios para lidar e administrar sozinha os efeitos desse fenômeno do rompimento do sistema familiar. É importante destacar que, as consequências psicológicas são intensificadas e pioradas, quando os próprios pais não conseguem se organizar de maneira saudável e poupar os filhos de tamanho abalo emocional. Todo este processo do divórcio, pode acarretar a criança por exemplo, ansiedade, baixo rendimento es-

colar, dificuldade de adaptação, depressão e entre outros sintomas. (o ideal aqui seria trazer uma referência para fundamentar esta afirmação)

Diante de um sistema familiar, cada integrante possui seu papel, sua influência e importância (Barbosa; Mendes e Juras, 2021). O rompimento desse sistema, representa uma vulnerabilidade para a criança, em diversos aspectos do seu desenvolvimento, destacando-se o processo de aprendizagem, concepção do eu, construção da identidade, personalidade, autoestima, desenvolvimento cognitivo e autonomia. Em consequência da grande incidência de divórcios nos últimos anos, os impactos para as crianças estão sendo nitidamente potencializados, desestabilizando e desestruturando vínculos familiares e criando um modelo de família, a família monoparental (Milanez, 2019).

Segundo Rocha, Azevedo e Freitas (2023), os desafios do desenvolvimento infantil são maiores diante da separação conjugal, visto que, as necessidades da criança quanto à segurança, confiança, autonomia e paciência, que caracterizariam esse período do desenvolvimento, são confrontadas com a exaustão e o estresse que acompanham todo o processo. Ou seja, as crianças de famílias divorciadas estão mais vulneráveis a uma série de dificuldades, cognitivamente, socialmente e emocionalmente.

É possível compreender, por exemplo, que, entre as dificuldades enfrentadas pelos pais, ressalta-se o desafio de diferenciar o papel de pai-e-mãe com o de marido-e-mulher (Dessen, 2010). Em alguns casos, podem emergir sensações de despersonalização transitória e desordens orgânicas.

Diante de estudos realizados com crianças envolvidas em processos de divórcios com agressões entre os pais, são encontrados também, sintomas específicos, como agressividade, uso de mentiras para se comunicar, rejeição e até mesmo a incorporação das falas do genitor guardião como se fossem próprias. Algo como, uma distorção de identidade (Villanova et. al, 2019).

É muito comum também, em casos de separação por traição, infidelidade ou abandono, o genitor traído ou abandonado usualmente transferir seu sofrimento e frustração para o filho como uma forma de punir e se vingar do ex-cônjuge. Neste

caso, surge então, a presença de uma situação de alienação parental. O sofrimento psíquico do ex-casal, também decorre dos comuns sentimentos de falha, de culpa, abandono, de perda da identidade e autoestima, o que aumenta a sensação de desesperança, frustração e o desamparo, o que pode, por sua vez, ter uma série de implicações na relação com os filhos.

Embora a teoria freudiana não tenha uma perspectiva muito objetiva e clara sobre as consequências do divórcio para a criança, todas suas produções, abordaram a importância da participação ativa de ambos os cônjuges na criação dos filhos (Villanova et. al, 2019).

A separação pode ser entendida como uma relação parental fracassada, como vimos, durante as mudanças ambientais dentro do sistema familiar.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O divórcio dos pais pode desencadear diversos impactos na vida dos filhos, afetando diversas áreas de sua vida e seu desenvolvimento. Consequências estas, que se arrastaram para o resto de suas vidas, principalmente quando a criança vivencia esse processo de perto, despertando sentimento de culpa, angústia, ansiedade de separação e, a presença da alienação parental, onde os pais utilizam os filhos como forma de se vingar de seu cônjuge, em consequência de sentimentos como vingança, abandono, rejeição e desprezo (Juras e Costa, 2011).

Entretanto, o divórcio não possui apenas aspectos negativos. Segundo Teyber (1995), o divórcio também possui o seu lado positivo, visto que representa uma quebra necessária ao vínculo de sofrimento familiar, a criança poderá ser distanciada da exposição a conflitos constantes, brigas e diversos possíveis tipos de violências entre seus pais.

Ainda assim, constatou-se então, que, filhos de pais separados, tendem a sofrer com impactos em seus desenvolvimentos emocionais de forma direta e retroativa. Onde, segundo Oaklander (2023), afeta âmbitos profundos de uma criança, como

sua autoestima, construção de identidade, formação de personalidade e comportamentos desregulados e imorais, como trapaçagens, mentiras, manipulação e necessidade constante de vencer.

As consequências psicológicas causadas nas crianças de pais divorciados, advêm de questões como disputa de guarda, brigas, comportamentos inadequados, possíveis dificuldades e mudanças financeiras no pós-divórcio, alienação parental, falsas memórias, excesso de estresse e os sentimentos distorcidos que surgem durante esse processo. (Trentin, 2015).

Podemos considerar que a presença desse ambiente distorcido e do sistema familiar desestruturado, bem como, as consequências do pós-divórcio, especialmente no aspecto de adaptação, prejudica o bem-estar emocional da criança. Para Winnicott (2023), a criança é capaz de aproveitar um bom ambiente. Qualquer simples mudança ambiental pode transformar a criança em um ser sadio. Ela é totalmente capaz de beneficiar-se de um bom ambiente. E ao contrário também.

É certo que pais superprotetores deixam seus filhos aflitos, assim como os pais pouco confiáveis, ou seja, aqueles que estão rompendo o sistema familiar, por exemplo, tornam as crianças confusas e amedrontadas, como salienta Winnicott (2023). Os pais que conseguem manter o lar unido estão, na verdade, prestando a seus filhos um serviço de inestimável importância. Sendo assim, crianças que cresceram e se desenvolveram em condições estáveis dentro de sua família, apresentam níveis elevados em relação a qualidade de vida, afetividade parental, coparentalidade, desenvolvimento emocional como um todo, além de desempenhos intelectuais, acadêmicos e relacionamentos sociais mais satisfatórios. Torna-se evidente que, um ambiente gerador de sentimentos ligados à confiança, segurança, harmonia, amor e respeito são favoráveis ao desenvolvimento da criança, em diversos aspectos.

Por isso, é de extrema importância a estruturação estável e relacionamento sadio entre os membros que compõem esse sistema familiar. A prevenção consiste em olhar com atenção, cuidado e acolhimento para a criança.

Com a fase do pós-divórcio fixada, será necessário trabalhar com a criança, o desenvolvimento de sua capacidade de tolerar o sentimento de culpa, onde a presença da mãe tem fundamental importância durante todo o processo de restauração da

criança. Segundo Winnicott (2023), quando a relação e o vínculo mãe-filho está bem estabelecido, o ego da criança acaba sendo muito bem estruturado pelo ego da mãe, e por isso, se torna forte. A criança passa a ter ferramentas capazes de organizar mecanismos de defesas e desde cedo, torna-se verdadeiramente ele mesmo ou ela mesma.

De acordo com McGoldrick e Carter (1995), existem três caminhos para fazer uma atuação clínica com um casal que está se divorciando, que conseqüentemente acaba afetando diretamente os filhos, de forma positiva e a fim de amenizar os possíveis futuros danos. O primeiro, é que o processo do divórcio se torne um pouco mais lento, para que cause menos danos à família, principalmente para o filho.

O segundo caminho é evitar que o cônjuge que não optou pelo divórcio, inicie uma possível alienação parental ou que comece a despejar suas frustrações na criança.

O terceiro caminho é auxiliar o casal a estruturar o processo do divórcio para que amenize os impactos emocionais do divórcio na criança. Neste caso, o psicólogo teria que atender o casal com o filho, para que não existam conflitos de lealdade. Assim, juntos serão capazes de elaborar um acordo e uma forma de amenizar esses impactos na vida afetiva de seu filho.

Logo, podemos considerar também que, o divórcio acaba por suceder um momento de crise que vem sendo vivenciado pelo casal e pela família há algum tempo. Entretanto, o divórcio tem seus impactos negativos no desenvolvimento da criança, principalmente, como pudemos refletir sobre o que abordamos ao longo deste trabalho: a ansiedade de separação, desestruturação da família, rompimento dos vínculos, desequilíbrio emocional, entre outros. Mas, o divórcio passa a representar também, um desfecho de um ciclo que não estava mais sendo saudável para nenhum membro daquele sistema. Neste caso, o divórcio acaba sendo um alívio, uma libertação e uma oportunidade de estabelecer uma harmonia nas relações, devido ao distanciamento e a separação.

Em relação às conseqüências do desenvolvimento do padrão de apego, o divórcio dos pais é um momento marcante na vida de uma criança que passa por isso e pode ter um impacto significativo no desenvolvimento de seu tipo de apego. O de-

envolvimento de um padrão de apego ansioso-ambivalente na criança pode ser um efeito potencial do divórcio dos pais. A criança pode se sentir insegura e preocupada com o cuidador, buscando constantemente sua atenção e afeto nesse tipo de apego.

Além disso, o divórcio dos pais, especialmente se houver conflito ou abuso envolvido, aumenta a probabilidade de desenvolver um padrão de apego desorganizado na criança. A criança pode demonstrar comportamentos contraditórios e confusos em relação aos cuidadores durante esse tipo de apego. Ela tem a capacidade de alternar entre buscar contato e evitar o contato, devido ao medo e à incerteza nas relações. A falta de estratégias claras de apego e o ambiente familiar tumultuado e violento podem resultar em comportamentos incoerentes e desorganizados por parte das crianças.

Ao ajudar as crianças que passam pelo divórcio dos pais, os profissionais da saúde mental são muito importantes. Terapia familiar, suporte emocional individual, orientação e educação para pais divorciados e estabelecer um ambiente seguro e confiável para a criança podem fazer parte disso.

Por fim, o divórcio dos pais quando os filhos ainda são crianças pode ter um impacto significativo no tipo de apego que os filhos desenvolvem. Dependendo das circunstâncias e do suporte disponível, padrões de apego como ansioso-ambivalente, evitativo e desorganizado podem surgir em resposta ao divórcio. No entanto, é importante lembrar que, mesmo após o divórcio dos pais, o desenvolvimento de um apego mais seguro pode ser ajudado pelo ambiente familiar, suporte emocional e tratamento adequado. Para entender completamente o impacto do divórcio no desenvolvimento do apego e implementar intervenções eficazes, é necessário um enfoque multidimensional e sensível ao contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do divórcio dos pais e seus efeitos nas esferas emocionais, psicológicas e no desenvolvimento dos padrões de apego das crianças são o foco da discussão sobre os efeitos do divórcio dos pais na vida das crianças. O divórcio é um

momento decisivo na vida de uma família, marcado por mudanças significativas que podem afetar os filhos de forma permanente.

Os efeitos do divórcio são diversos e variados, e incluem conflitos anteriores, a qualidade da relação entre os pais, a capacidade de trabalhar juntos pós-divórcio e o suporte emocional que os pais recebem. As crianças podem experimentar sentimento de culpa, ansiedade de separação, desestruturação da família e desequilíbrio emocional. Além disso, o divórcio pode afetar o desenvolvimento dos padrões de apego, o que pode resultar em apego desorganizado ou ansioso.

É importante lembrar que o divórcio não é a única sentença com consequências negativas. Há vantagens, como a possibilidade de reduzir a exposição da criança a conflitos e violência. Isso pode criar um ambiente mais seguro e estável para seu crescimento.

Para reduzir os efeitos prejudiciais do divórcio nas crianças, técnicas como comunicação e mediação eficazes entre os pais, processos de divórcio bem organizados e suporte emocional são essenciais. Durante esse período, os profissionais de saúde mental, como psicólogos, podem ajudar as famílias oferecendo terapia, orientação para os pais e suporte individual para as crianças.

Por fim, compreender a complexidade dos efeitos do divórcio nas crianças é essencial para fornecer o apoio e as medidas necessárias para promover um desenvolvimento emocional positivo. Além de identificar os problemas, o foco deve ser na criação de um ambiente seguro e conexões estáveis que ajudem as crianças a se adaptar e se sentirem bem após o divórcio dos pais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACAMPARO, B.; OLIVEIRA, S. Sem palmadas. *Revista Psique Ciência e Vida*. São Paulo, v. VIII, n. 103, p. 24-30, junho, 2014.

BEE, H.; BOYD, D. *A criança em desenvolvimento*. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

BOWLBY, J. **Apego e perda: Vol. 1. Apego.** 2. ed. São Paulo: MartinsFontes, 2019.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOWLBY, J. **The nature of the child's tie to his mother.** International Journal of Psycho-Analysis, v. 39, n. 5, p. 350-373, 1958.

CALHEIROS, M. **A construção social do mau trato e negligência parental: Do senso comum ao conhecimento científico.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CAMPOS, A. L.; INFÂNCIA, Primeira. Um olhar desde a Neuroeducação. **Tradução: Eleonor Campos Beuttemüller.** Washington, DC: **Organização dos Estados Americanos–OEA**, 2010.

CANO, D. S; GABARRA, L, M; MORÉ, C O, C; CREPALDI, M, A; **As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro.** Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2009, v. 22, p. 214-222.

CARNEIRO, L. **Divórcios voltam a bater recorde no país, diz IBGE: O total dos dados de 2021 representou uma alta de 16,8% frente a 2020.** Globo.com, [S.l.], p.1, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2023/02/16/divrcios-voltam-a-bater-recorde-no-pas-diz-ibge.gh.html>. Acesso em: 18 set. 2023.

CASSIDY, J. **The nature of child's ties.** In: CASSIDY, J. & SHAVER, P. (Orgs.). Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications. New York: The Guilford Press. pp. 3-20, 1999.

CAVALCANTE, L. T. C.; OLIVEIRA, A. A. S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 05 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Brasília, agosto de 2005.

CORTINA, M.; MARRONE, M. **Attachment theory and the psychoanalytic process.** London: Whurr Publishers, 2003.

COSENZA, R.; Guerra, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende.** Porto Alegre: Art-med, 2011

CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. F. **Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil.** Ensino em Re-Vista, p. 1517-1541, 2020.

CRITTENDEN, P. Transformaciones en las relaciones de apego en la adolescencia: Adaptación frente a necesidad de psicoterapia. **Revista de Psicoterapia**, v. 12, p. 33-62, 2001.

CROWELL, J.; TREBOUX, D. **A review of adult attachment measures: Implications for theory and research.** *Social Development*, vol. 4, nº 3, pp. 294-327, 1995.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

DIAS, I. S.; CORREIA, S.; MARCELINO, P. **Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância.** *Revista Eletrônica de Educação*, v. 7, n. 3, p. 9-24, 2013.

DOMINGUES, M. A. **Desenvolvimento e aprendizagem o que o cérebro tem a ver com isso.** Editora da ULBRA, 2007.

FÁVERI, M. T.; ADAMI, T. **Divorciados, na forma da lei: discursos jurídicos nas ações judiciais de divórcio em Florianópolis (1977 a 1985).** *Revista Estudos Feministas* [online]. 2010, v. 18, n. 2, p. 359-383

FERREIRA, G. G.; DAMAZIO, M. **Neurodesenvolvimento e aquisição da linguagem na primeira infância.** *Pedagogia em Ação*, v. 15, n. 1, p. 113-122, 2021.

FONAGY, P. **Transgenerational consistencies of attachment: A new theory.** *Revista de Psicoanálisis*, vol. 3, 1999.

FONAGY, P.; TARG, E. **Relações interativas e função reflexiva.** In: J.Solomon & C. George (Eds.), *Interações Pais-Bebê: Uma abordagem psicanalítica* (pp. 65-104). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOLSE, B. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GONÇALVES, A. M. **Alienação Parental e as Consequências Psicológicas Causadas em Criança e Adolescente.** Orientador: Prof.(a). Lídia Rosa. 2019. 26 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de especialização em saúde mental e atenção psicossocial) - FACULDADE LABORO, São Luís, Maranhão,

2019. Disponível em: <http://repositorio.laboro.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2365/Andressa%20%281%29%20-%20Copia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 set. 2023.

GRZYBOWSKI, L. S.; WAGNER, A. **Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 26, n. 1, p.77-87, mar. 2010.

HARVEY, M. Relationships between adolescents' attachment styles and family functioning. **Adolescence**, v. 35, n.138, p. 345-56, 2000.

HOMEM, T. C.; CANAVARRO, M. C.; PEREIRA, A. I. L. F. **Factores protectores e de vulnerabilidade na adaptação emocional e académica dos filhos ao divórcio dos pais**. Psicologia, Lisboa, v.23, n.1, p.7-25, jan. 2009. Disponível em <[http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492009000100001&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492009000100001&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 26 abr. 2023.

KAPLAN, N.; CASSIDY, J. **Security of infancy, childhood and adulthood: Amove to the level of representation**. In: BRETHERTON, I. & WATERS, E. (Orgs.). Growing points of attachment theory and research. Chicago: University of Chicago Press. p. 66-106, 1985.

KOBAK, R. R. **Attachment and the problem of coherence: Implications for treating disturbed adolescents**. Adolescent Psychiatry, vol. 19, p. 137-149, 1993.

KOCH, S, M, P; RAMIRES, V,R, R. **Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos**. Psicologia Clínica [online]. 2010, v. 22, n. 1, pp. 85-97.

LAMELA, D; FIGUEIREDO, B, BASTOS, A. **Adaptação ao divórcio e relações coparentais: contributos da teoria da vinculação**. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2010, v. 23, n. 3 [Acessado 1 Maio 2022] , pp. 562-574. Disponível em:. Epub 27 Jan 2011. ISSN 1678-7153.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHÃES, G. M. **A primeira infância vai à escola: em defesa do ensino desenvolvente para todas as crianças**. Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica, p. 1-21, 2019.

LEÃO, L. C. A.; FERREIRA, V. R. T.; CENCI, C. M. B. **Avaliação clínica de relações familiares com a utilização da entrevista familiar estruturada(EFE): estudo de caso**. Advances in Health Psychology; 22 (1) 1-7, Jan.-Jun., 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4528>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LEITE, A. A. M.; SILVA, M. L. **Um estudo bibliográfico da Teoria Psicossocial de Erik Erikson: contribuições para a educação.** Debates em educação, v. 11, n. 23, p. 148-168, 2019.

MACANA, E. C. **O papel da família no desenvolvimento humano: o cuidado da primeira infância e a formação de habilidades cognitivas e socioemocionais.** Tese de doutorado. UFRGS, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/109267>

MARTÍNEZ, V. C. V.; MATIOLI, A. S. **Enfim Sós: Um estudo psicanalítico do divórcio.** Revista *Mal-estar e Subjetividade*, v. 12, n. 1-2, p. 205-242, 1 jun. 2012.

MILANEZ, C. M.; CÓRDOVA, Z. V. E.; CASTRO, A.; FRAGA, C. C. O funcionamento familiar na saúde emocional e psicológica de crianças e adolescentes. Id on Line *Rev.Mult. Psic.*, Outubro/2019, vol.13, n.47, p. 1-16.

MONTEIRO, M.; SANTOS, S. Os efeitos do divórcio na família com filhos pequenos. *Psicologia.pt*, 2013. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0342.pdf>> Acesso em: 18.09.2023 .

NEWCOMBE, N. **Desenvolvimento Infantil: abordagens de Mussen.** 8º ed. Porto Alegre. Artmed, 1999.

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: A abordagem gestáltica com crianças e adolescentes.** São Paulo: Summus 17º edição, 1980.

PASQUALI, L.; MOURA, C. F. **Atribuição de causalidade ao divórcio.** Aval. psicol., Porto Alegre , v. 2, n. 1, p. 01-16, jun. 2003 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712003000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712003000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 set. 2023.

PEREIRA, R. C. **Divórcio: teoria e prática. Rodrigo da Cunha Pereira** – 4 ed. De acordo com a Emenda Constitucional n.66/2010 - São Paulo: Saraiva, 2013. Bibliografia. 1. Direito de Família 2. Divórcio 3. Divórcio - Brasil I. CDU- 347.627.2(81).

PIETROMONACO, P.; BARRETT, L. **Working models of attachment and daily social interactions.** *Journal of Personality and Social Psychology*, vol.73, nº 6, pp. 1.409-1.423, 1997.

PORTUGAL, G. **Desenvolvimento e aprendizagem na infância.** In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (or g.). Relatório do estudo – Aeducação das crianças dos 0 aos 12 anos. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.

RAPOSO, H. S.; FIGUEIREDO, B. F. C.; LAMELA, D. J. V. P.; COSTA, R. A. N.;

CASTRO, M. C. C.; PREGO, J. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo. 2011, v. 38, n. 1, pp. 29-33.

RAYANE, D. B.; SOUSA, D. H. A. V.. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **Revista InterScientia**, v. 6, n. 2, p. 90-111, 2018.

ROCHA, R. N.; AZEVEDO, E. G.; FREITAS, T. M.. **Impacto psicológico do divórcio na vida dos filhos em idade escolar escolar**. [S. l.]: Editora Pascal, 2023. 325 p. v. 3. DOI 10.29327/5274604. Disponível em: <https://editorapascal.com.br/wp-content/uploads/2023/06/PSICOLOGIA-VOL.-03.pdf#page=64>. Acesso em: 18 set. 2023.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista De Enfermagem**, 20(2), v–VI, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em 05 nov. 2024.

RUTTER, M. Maternal deprivation. Baltimore: Penguin Books, 1972. SHIRLEY, M. Children's adjustments to a strange situation. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 37, 201–217, 1942

SILVA, M. C. V. DA; LOPES, J. DA S.; ROCHA, M. O. **O Covid-19 e o divórcio no Brasil: considerações do direito e da psicologia**. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS, v. 7, n. 1, p. 13–13, 9 nov. 2021.

TARGET, M. **Attachment and reflective function: Their role in self- organization**. *Development and Psychopathology*, vol. 9, nº 4, pp. 679-700, 1997.

TAVARES, José et al. **Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**. Porto: Porto Editora, 2007. TEIXEIRA, Alcylanna Nunes; LÔBO, Karla Rossana Gomes; DUARTE, Ana Teresa Camilo. A Criança e o ambiente social: aspectos intervenientes no processo de desenvolvimento na primeira infância. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 10, n. 31, p. 114-134, 2016.

TRENTIN, T. R. D.; CASAGRANDE, A. Do nó ao laço: a mediação como meioadequado do tratamento da síndrome da alienação parental. **Seminário Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, 2015.

VILLANOVA, A. B. et al. As implicações do divórcio no desenvolvimento psíquico na primeira infância na perspectiva psicanalítica. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 1, p. 01-14, 2019.

WATERS, E.; TREBOUX, D.; O'CONNOR, E.; COLON-DOWNS, C.; FEIDER, O.; GOLBY, B. & POSADA, G. **Discriminant validity of the adult attachment interview.** *Child Development*, vol. 67, n. 5, p. 2.584-2.599, 1996.

WATERS, E.; TREBOUX, D.; O'CONNOR, E.; COLON-DOWNS, C.; FEIDER, O.; GOLBY, B. & POSADA, G. Discriminant validity of the adult attachment interview. *Child Development*, vol. 67, n.º 5, pp. 2.584-2.599, 1996.

WINNICOTT, D.-W. **A família e o desenvolvimento individual.** 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, [1965] 2005.